



GNÓSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa

ANO VII - Nº. 84

Arcanjo da Estação Verão: Uriel

Março 2010

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br> / E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

Reencarnação

A reencarnação é a retomada de um invólucro de carne pelo espírito, para superar novo ciclo de provas, resultado das precedentes vidas e mortes.



Sem a concepção de uma pluralidade de encarnações, a vida, com aspecto de uma individualidade particular, seria um zero, um horri-

vel nada, em cujo âmago feito de matérias mutáveis, já em dissolução, no mesmo instante em que o supondes possuir, efêmeros gozos tem prazeres fugazes, amarguras e dores.

Que significado mais negativo que este poderia apresentar-nos a existência com sua máscara informe, argilosa, que ri sempre no charco trágico da morte?

Concebê-la em si, em sua atual limitação, ainda materialmente, significa principiar a morrer.

Sob esse mesmo prisma, a morte, confrontada a vida representa o salto no vácuo do abismo sem fundo, no pavoroso ignoto das trevas, que deveriam ser eternas.

Tal é o drama proposto a humanidade quando se concebe a vida qual passagem única, material.

Qual a causa disso? Que motivo pode inspirar o homem de maneira que compreenda a unidade do indivíduo através de muitas existências, a possibilidade de ser ou vir-a-ser? Que sublime ideal poderia fazer desabrochar no coração dos homens a flor da felicidade, se esta não possuísse profundas raízes na eternidade de vidas passadas e futuras? Que abismo patentearia a certeza de uma existência que devesse ter por limite a si mesmo e terminar inelutavelmente com a morte?

Já muito limitada e sem luz é tal visão da vida para os que não se preocupam em achar uma razão da sua existência, como ver nela um valor. Mas para os que, em vez disso, se dizem capazes de ver além de tais limites contingentes, fazendo-se juízes entre o bem e o mal, gabando-se de conhecer os destinos superiores da alma e afirmando, de cátedra, princípios categóricos, cuja espessidão eles desbastam antes de todos; para todos os que logram admitir a existência real de um após vida, mais triste se revela ainda a situação, por quanto adquirirem a convicção de levarem consigo o fardo penoso das faltas a descontar. Para estes, a idéia de uma vida espiritual que o aguarda no post-mortem, prende-se à concepção de um lugar em que se pague a pena de tantas culpas e se descontem todas as fraquezas humanas.

A vida do além-túmulo adquire assim para eles, uma feição de inexorável tragicidade. Que antro infernal deveria esperar, com seus sofrimentos múltiplos e eternos, a alma

culpada, para atormentá-la eternamente com fogo, água, calor, gelo sem lhe conceder meios de poder emendar-se e elevar-se? Como se poderia achar correspondência entre o princípio de Superior Justiça e aquela atroz e inderrogável lei que atira a alma, com a morte, além do Aqueronte, para que lá viva na eternidade, manchada de culpas cometidas na loucura da vida corpórea?

É possível, pois conceber o amor de Deus como algo que permita o sofrimento sem fim e o pranto sem esperança? Pode ser Deus considerado pela cravelha de um tirano vingativo que se apraz em torturar suas vítimas e tolher-lhe toda oportunidade de redenção?

Pois a tais aberrações conduzem as conclusões daqueles espiritualistas que, embora havendo entrevisto a sublime grandeza de uma realidade metafísica, incapaz são de alcançar-lhe o sentido completo e constroem uma teoria humana falaz, admitindo que a alma, criada pelo poder de Divino, tenha, ou deva ter, um só período definitivo de prova, uma vida apenas material e uma só encarnação em que a substancia como ocorreria no mais dos casos, não faria mais que manchar a pureza com que viera ao mundo.

Concebê-la assim, como se o próprio respirar fosse fatalmente exercício perigoso, meio idôneo de alimentar a voragem do fogo material, é, não somente amesquinhar-se a majestade da alma e fazer a vida aborrecida, tomando inconcebível a razão da sua existência, mas também ocultar com uma cortina de pessimismo e pura pecaminosidade, a harmonia, a bondade até das Leis Divinas.

Essa insuficiência de justificação espiritual da vida e esse contraste entre o senso do eterno e do justo e a trágica concepção da vindicta ultraterrena, são ma essência, posições que, há séculos exigem do homem retificação, com transcendente soerguimento que realize efetivo contato entre o humano e a verdade ultra-humana. Só com tal soerguimento que seja conquista de mais alto nível da vida consciente, de cima da qual seja pos-

sível dominar um novo mundo de realidades superiores, é dado ao homem conceber a terceira hipótese, a que pode, só ela conduzir solução doutrinária do problema da vida e da morte, a que traz consigo a resolução dos enigmas máximos do homem e reconduz ao princípio da Divina Justiça, desfazendo as falazes interpretações de dogmas e a concepção do báratro eterno.

Em tal caso o homem perceberia que, assim como o nascer e morrer dos dias formam o ciclo unitário das estações e do ano, assim as multiplicidades das existências formam a unidade do individuo. Ele não se plasma, pois, somente através da fugitiva prova do breve período material, mas vivem tantas vidas quantas provas lhe são precisas para atingir a perfeição. Nenhuma poderia alcançá-la numa só passagem terrena e por aqui se vê como um ser perfeito, em muitas encarnações precedentes, haja adquirido a beleza da figura com que se apresenta.

Não há razão, humana ao transcendente, para crer que um ser perfeito possa haver improvisado sua perfeição, haja do nada colhido virtudes superiores, como coragem, serenidade, generosidade, inteligência, poder interno. Nascemos diversos, com diversos destinos.

Reencarnação! Multiplicidade de vidas que se sucedem ao compasso cadenciado do tempo sem fim ao ritmo de uma suprema lei na razão do Grande Ser, pelo infinito vir-a-ser da realidade concebível, embora imperscrutável! Ela é. Sob outro aspecto, a única solução manifesta a pura visão intelectual do problema da limitação material (espaço temporal) da existência, pois explica o não ser possível ao individuo no curto prazo de uma vida, levar a termo a heróica tarefa grandiosa de eximir-se as condições terrenas para alçar-se a outros mundos espirituais. Ora, eu digo-vos que a lei da reencarnação é férrea, inequívoca, um domínio de potencia, emanção de poder, atuação de amor. Em suas manifestações não conhece influxos estranhos ou meneios, porem rígida como o absoluto e apenas justa.

Obstáculo algum a faz desviar. Ela domina o Cosmo e o espírito, não somente regulando o Carma individual, senão, sobretudo, o universal em que se contém o singular.

Com efeito, se, por princípio Superior, a unidade dos espíritos vencerá, com o tempo. Aquele que a criou, cada qual possui, em estado potencial, a virtude de escolher por si, através do calvário das vidas, o caminho que o ará subir a própria apoteose.

Trata-se, pois, de achar contato com o universal, graças à força da lei, tornando-se atual o potencial, transladando o espírito em realidade de vida, em conquista da personalidade.

Voltai-vos e vereis a imagem de tal lei, no trato de vossas famílias. Embora haja dado vida a muitos filhos, não é árbitro o pai, nem responsável, de quanto nos seus futuros se manifestem como lei de fatalidade ou Carma, pois, ainda que a vontade paterna influísse na formação moral ou fisiológica de seus filhos, absurdo é que eles considerem todas as suas ações como resultados de haver se adstrito a sua vontade. É mais justo pensar que eles, por íntima determinação subconscientes, se ativeram ao querer paterno, quer já estivesse no próprio Carma, quer fosse tendência já por si mesma dada, o subtrair-se, ou não, a vontade diretiva paterna, a ponto de sofrer ou não as relativas conseqüências.

Assim, cada qual, é dono absoluto do próprio Carma e nele imprimirá, ainda uma vez, através de novas experiências, o sinete do seu livre arbítrio, graças ao qual percorrerá uma estrada real ou uma vereda, caminho breve, ou longo, mais ou menos doloroso, ou fácil.

No ardor da elevação ou do alcanceamento, a alma desencamada tem consciência da tarefa e do seu destino, assim adormecerá ela no profundo do ser orgânico por ocasião de nascimento; durante a vida, ela despertará em parte, ou excepcionalmente quase na totalidade. Logo, antes de encarnar-se, ela escolhe uma senda ao longo da qual há provas que não logrará vencer. Considerando

que fadigas e ações, chega a arrostar o homem no intento de alcançar a libertação que sonha por coroamento de seu labor, quem poderia inculpar de vontade excessiva o esforço da centelha energética, animada do desejo de atingir, quanto mais cedo. O ápice da sua evolução, no regaço de Deus, cuja grandeza e poder ela entreviu e cujas modalidades de amor percebeis?

Só a prisão da carne, em que se dão desequilíbrios físicos e espirituais é sede de todo erro do homem, por isso, de toda prova que tem de superar, de tal ordem que um possível móvel de culpa e queda possa tornar-se via de ascensão e vitória. Justo é, pois, que a remissão das culpas não caiba a quem tudo pode, mas a vós mesmos que vos inflige o castigo no seguinte novo Carma por um ato de condenação.

Admiti-vos a reencarnação e como névoa aos beijos do sol, desfar-se-á o véu oculto posto entre o homem e seu destino, ao fulgor da ascendente força, que o levará, de vida em vida, de dor em dor, para a apoteose tão longa quão sublime.

Esse é o caminho. Procurai compreendê-lo e senti-lo como dever para achardes a Luz.

Ergos – Gnose fevereiro 1939

O Rosa-Cruz



Que espécie de seres será essa, cuja existência misteriosa e lendária, aceita por uns, negada por outros, somente nos é conhecida por fatos esparsos, fantásticos e surpreendentes? A natureza prepóstera e imaterial desses fatos, se por um

lado pode despertar a nossa dúvida, nos obriga, por outro, a refletir profundamente.

A humanidade é por eles considerada como colocada em plano infinitamente inferior ao seu. Aparenta humildade e discrição, porém seu orgulho ultrapassa tudo o que se possa imaginar. Glorificam-se na pobre-

za, declara-se ser esse o estado em que lhes foi ordenado viver e, não obstante, gabam-se de possuir riquezas universais.

Recusam-se toda e qualquer espécie de afeto humano, ou, quando muito, utilizam dele como simples meio para atingir finalidades definidas. Aparentam relações amorosas, que assumem e aceitam por conveniência, ou para penetrar nos mundos dos seus iguais ou superiores.

Freqüentam com elegância a sociedade das mulheres com os corações inteiramente a coberto de fraquezas, ao mesmo tempo em que as olham com piedade ou pesar, quase como uma espécie diversa da do homem.

São na aparência, simples e afáveis, mas a consciência do valor pessoal que lhes enche o coração, somente em contato com os céus infinitos, cessa sua expansão de auto-glorificação.

Não há, até certo ponto, criatura mais sincera e mais franca, mas a dureza da rocha é nada, comparada a sua impenetrabilidade.

Submetem-se as contingências da vida mundana, porém a ninguém, a não ser aos seus pares, concedem privilégios da sua amizade, a ninguém rendem admiração ou atendem.

Como único guia admite a consciência superior que neles reside.

Obedecem a todos os códigos, são excelentes cidadãos, mas guardam no silêncio o mais absoluto tudo o que concerne a suas convicções pessoais.

Comparados aos adeptos herméticos, os reis são mendigos, e as maiores riquezas que possam acumular nada representam.

Os mais cultos, ao lado desses sábios, são, passam de ignorantes pretensiosos.

Repugnam-lhes a fama e as honrarias, e eles as desdenham porque nenhum prazer lhe poderia proporcionar.

Se por acaso se tornam famosos é contra a sua vontade.

Seu maior prazer consiste em poderem

passar, como simples espectador e, despercebido pelo mundo, de que se servem como um cadinho de experiências, porque se acham nele e o encontram ao seu redor.

Com relação à humanidade comportam-se como “negativos”, e como “positivos” com relação a tudo o mais. Bastando-se a si próprios, iluminados, completos em tudo, têm a idéia perfeita do que seja a liberdade.

Um homem no estágio ou condição de R. C. torna-se um ser isolado, sem laços de mulher ou filhos que embarçam na realização do objetivo a que se propôs ou que possam perturbá-lo acompanhando-o muito de perto em sua vida interior.

Esses seres herméticos, sobre-humanos, quase deuses, que sempre primaram em ocultar cuidadosamente dos profanos os seus segredos, falando uma linguagem simbólica, adotam como lema; “Procura conhecer de tudo, porém conserva-te desconhecido”

Ao invés de apregoarem poderes, agem discretamente, não lhes interessando absolutamente a opinião alheia. Afastam-se premeditadamente a idéia da posse de conhecimentos extraordinários ou supra-normais, conscientes dos perigos a que estariam expostos si tal fato chegasse ao conhecimento de profanos.

Sempre disposto a praticar o bem, onde e quando possível ou permitido, procuram despertar e atrair a simpatia alheia por meio das inúmeras facetas do seu caráter multiforme, porém sempre colimando objetivos elevados. São por outro lado, capazes de isolar-se completamente e desviar a atenção de terceiros, quando dirigida a assuntos, que não lhes convenham.

Qual o padrão de medida a adotar ou como apreciar devidamente caracteres em que ao lado de uma incomensurável exaltação pessoal se alinham as mais nobres e elevadas qualidades do coração e da mente?

Athanaton – Gnose janeiro 1939